

O REGIME ESTÁ (TRANSMITINDO AO) VIVO

The regime is live (streamed)

El régimen está (transmitiendo en) vivo

Sayak Valencia¹
Tradução: Felipe Polydoro²

DOI: doi.org/10.31501/esf.v1i33.15944

Resumo: No presente trabalho, proponho o conceito de regime *live* para refletir sobre a nova dimensão política do governo das emoções que utiliza a (audio)visualidade digital para criar fascinação pela violência e pelo autoritarismo por meio do design de imagens e de insumos culturais altamente cosméticos. Imagens que estão sendo utilizadas pela extrema-direita digital (Alt-Right) para: 1. Cosmetizar o fascismo e torná-lo atrativo. 2. Banalizar e justificar as violências sofridas por comunidades desfavorecidas e marginalizadas por questões de gênero, raça, classe, diversidade sexual, deficiência ou status migratório.

Palavras-chave: Fascismo 2.0. Psicopolítica. Imagens violentas. Transfeminismos. Regime livestreaming.

Abstract: In this paper, I propose the concept of the live-streamed regime as a way to reflect on the new political dimension of the governance of emotions. This is carried out via the use of digital (audio) visual elements, in order to stoke the fascination for violence and authoritarianism by means of the design of images and cultural material that are highly cosmetic. These kinds of images are used by the extreme digital right (the Alt-Right) to: 1) cosmeticise fascism and make it attractive again, 2) trivialise and justify the violence inflicted on communities that are disadvantaged and marginalised due to issues of gender, race, class, sexual diversity, disability or immigration status.

Keywords: Fascism 2.0. Psychopolitics. Images of violence. Transfeminism. Livestreamed regime.

Resumen: En el presente trabajo propongo el concepto de Régimen Live, para reflexionar sobre la nueva dimensión política del gobierno de las emociones que utiliza la (audio)visualidad digital para crear fascinación por la violencia y el autoritarismo a través del diseño de imágenes e insumos culturales altamente cosméticos. Imágenes que están siendo utilizadas por la extrema derecha digital (Alt-Right) para: 1. Cosmetizar el fascismo y volverlo atractivo. 2. Banalizar y justificar las violencias sufridas por comunidades desfavorecidas y marginalizadas por cuestiones de género, raza, clase, diversidad sexual, discapacidad o estatus migratorio.

Palabras-clave: Fascismo 2.0. Psicopolítica. Imágenes violentas. Transfeminismos. Régimen livestreaming

¹ Doutora, El Colegio de la Frontera Norte, Tijuana (BJ), México. mvalencia@colef.mx | <https://orcid.org/0000-0002-1877-2813>

² Doutor, Universidade de Brasília, Brasília (DF), Brasil. felipepolydoro@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-4909-2498>



O regime *live* e a vida de direita³

O Ocidente se pergunta: como é possível, depois das atrocidades ocorridas durante a Segunda Guerra Mundial, o fascismo ter voltado a se popularizar? Por que as políticas do ódio e do cinismo se convertem em um valor em alta, que soma likes nas redes sociais e define os gestores da Nova Ordem Mundial? Como chegamos até aqui? O caminho tem sido longo e pontuado por marcos tecnológicos como a fotografia, o cinema, a televisão, a internet e o telefone celular, que acompanharam as narrativas modernas do progresso. Porém, existem dois elementos fundamentais que tornaram possível esse retorno ao fanatismo: o apagamento da memória e a cosmetização da violência. Ambos elementos são essenciais para a ascensão desse novo autoritarismo, apresentado pelos meios de comunicação e pelas redes sociais virtuais como algo que surge espontaneamente, sem explicação prévia nem contexto; uma exceção à regra democrática.

No entanto, nós que nascemos, crescemos e habitamos espaços ex-coloniais e/ou fronteiriços, ou que somos pessoas racializadas, dissidentes sexuais ou de gênero, migrantes sem documentos, ou todas essas variáveis juntas e outras, sabemos que essa ascensão do fundamentalismo não é uma exceção à regra democrática, e sim o modo de produção de excepcionalidade que alimenta os grandes cofres econômicos desde a colônia até os nossos dias.

Os métodos se diversificaram e as tecnologias foram atualizadas. No entanto, três elementos são essenciais para o ressurgimento do pensamento conservador/colonial: a popularização do

³ O presente texto é uma versão traduzida para o português do artigo “*El régimen está (transmitiendo en) vivo*”, publicado originalmente na revista *Re-visiones*, da Universidad Complutense de Madrid – edição n. 9, 2019.

Dossiê Cultura Visual e Violências

supremacismo branco, a celebração indiscriminada da masculinidade violenta e a glorificação da “nação homossexual” (Curiel, 2013), que escondem imaginários coloniais extrativistas e estão em clara oposição aos movimentos feministas, antirracistas, sexo-dissidentes, decoloniais e migrantes.

Pois bem, que relação tem essa ascensão do fascismo 2.0 com o uso de certos elementos do folclore digital⁴ e a difusão de determinadas imagens para se propagar? Neste trabalho proponho o conceito de regime *live* para delinear essa relação e construir uma ponte teórica entre o regime biopolítico proposto por Foucault, no qual o centro de governo era a administração da vida e de seus processos (Foucault, 2007 [1979]), até o regime psicopolítico digital (Han, 2014), no qual se explora a subjetividade e se rentabilizam as emoções, para entender a passagem das formas de governo disciplinar “do vivo” às formas de governo da psique e da subjetividade por meio do “ao vivo”.

O que é o regime *live*?

O regime *live* é uma conceituação com a qual busco apontar uma mudança na sensibilidade que produz uma mutação cognitiva (Berardi, 2017), tanto em nível de conteúdos quanto de aparatos de percepção. Esse regime possui ao menos três características: 1. A eliminação visual da divisão público/privado; 2. A reificação do tempo como algo sem duração (pura adrenalina, instantaneidade e esquecimento); 3. A cosmetização extrema das imagens de violência e sua despolitização crítica.

⁴ Nota do tradutor: Com a expressão “folclore digital”, Jaron Rowan (2015) designa as manifestações culturais que emergem na internet, constituindo uma nova forma de cultura popular. O autor dá especial destaque aos memes, que são produzidos e transformados de forma colaborativa, anônima e viral.

Dossiê Cultura Visual e Violências

Esse governo das emoções reprograma nossos quadros de percepção para nos manter hiperestimulados e num eterno presente, sem memória de longo prazo. Uma espécie de encarnação da sociedade do espetáculo (Debord, 2000 [1967]) que utiliza o simulacro (Baudrillard, 1991) mas vai além, porque é uma ordem psicopolítica digital e está atrelada à produção de algoritmos e de informações que podem ser rentabilizadas de múltiplas formas: por meio do “capitalismo de plataformas” (Srnicek, 2018), da venda de informações pessoais a empresas – o “colonialismo de dados” (Mejías e Couldry, 2019) –, da monetização das emoções (Duportail, 2019), entre outras. No entanto, o mais importante para essa forma de administração é que “os dados coletados também auxiliam no objetivo estratégico de assegurar a reprodução do próprio sistema” (Griziotti, 2017, p. 87).

Assim, a realidade do regime *live* funde a internet com a outernet (Fresneda, 2013), fraturando sensorialmente a divisão offline/online, o que resulta na espectralização do mundo, incidindo na forma como nos comovemos ou não com determinados acontecimentos violentos e como “prosumimos”⁵ e aceitamos certos imaginários. Um exemplo disso são as imagens de pessoas assassinadas em atentados “terroristas”: a violência contra vítimas do terceiro mundo e/ou pessoas racializadas não provoca o mesmo nível de empatia ou de luto que aquela dirigida a pessoas brancas das superpotências econômicas.

Embora esse regime crie indústrias milionárias e reinvente dispositivos e plataformas de transmissão, ele também dissemina “um senso comum neoliberal” (Emmelheinz, 2016), que se conjuga com agendas conservadoras e espectraliza as consequências atroz de determinados atos de

⁵ Nota do tradutor: a autora se refere ao neologismo “prosumir”, verbo que embute as ações de produzir e consumir. O termo designa uma lógica de consumo em que o consumidor participa diretamente da produção do bem ou do serviço que consome. Um exemplo marcante é o dos usuários de redes sociais digitais, a um só tempo produtores e consumidores de conteúdo.

Dossiê Cultura Visual e Violências

violência contra populações minoritárias. Por exemplo, o negacionismo dos crimes franquistas durante a ditadura⁶, a displicência de Donald Trump ao ser questionado sobre os centros de internamento de menores migrantes na fronteira entre México e EUA, ou o caso do genocídio cometido contra o povo palestino, transmitido ao vivo e em direto desde outubro de 2023 até hoje.

Esse fenômeno possibilita a disseminação e popularização do discurso conservador por meio de imagens altamente cosméticas, como memes racistas, machistas e supremacistas, que se misturam com o folclore digital (Rowan, 2015) e circulam nas redes sociais virtuais de maneira indiscriminada, junto a outras cujo caráter pode ser crítico ou contestatório.

Nesse sentido, o regime *live* cria montagens contraditórias em que extremos políticos se tocam através de lógicas estéticas desvinculadas de seus contextos, o que gera confusão nos espectadores, pois apresenta um sistema de equivalências onde tudo tem o mesmo valor. Essa banalização do sentido das imagens de denúncia reelabora o regime escópico, desafia a facticidade dos fatos e apaga a memória histórica de certas populações, sobretudo as minoritárias: originárias, racializadas, empobrecidas, feministas, dissidentes sexuais, pessoas com deficiência, migrantes etc.

Assim, o governo do “ao vivo e em direto” se baseia na fabricação/suplantação da realidade para alterar a percepção e para que nossa sensibilidade se aproxime do mundo offline com um enquadramento reduzido, em consonância com uma arquitetura mental cômoda, contraditória e despolitizada, isto é, apta a ser capturada e seduzida por ideias simplistas que apelam mais às emoções e desejos individuais do que à justiça social e à coletividade.

⁶ Nota do tradutor: Referência ao ditador espanhol Francisco Franco, que permaneceu no poder de 1939 a 1975.

A vida de direita

Inspiro-me na formulação da filósofa argentina Silvia Schwarzböck, para quem a direitização da vida foi o caldo de cultivo que impulsionou esses pensamentos nativistas, racistas, misóginos e fundamentalistas no mundo contemporâneo. Mas o que é a vida de direita? “[...] é o sonho de uma vida sem problemas [...] Matar banalmente, por descuido, para não se aborrecer, por omissão, porque a imagem ou o seu simulacro assim o exigem” (Schwarzböck, 2015, p.14-15).

Assim, a vida de direita é a expropriação de todos os valores do “bom, do belo e do justo”⁷ do projeto humanista pelas agendas conservadoras amalgamadas ao neoliberalismo. Nesse amálgama, o extrativismo se estende às gramáticas da dissidência e dos projetos emancipatórios, como demonstra o uso distorcido e racista que a Alt-Right⁸ faz de conceitos forjados dentro da tradição da teoria crítica frankfurtiana, ou ainda o uso contraditório que os movimentos ultraconservadores fazem dos discursos feministas para esvaziar de sentido suas demandas e demonizá-las, como ocorre com o conceito de “ideologia de gênero”.

Pois bem, a forma mais atualizada de disseminação dessa vida de direita é o regime *live* e seus dispositivos e plataformas digitais, que permitem a ascensão atual do fascismo 2.0 e a instauração de um regime “glotalitário”, ou seja, um governo global baseado no totalitarismo que utiliza as redes para produzir um consenso social acrítico que carece de argumentos mas transborda de paixões.

⁷ Como transfeminista decolonial, minha postura é crítica em relação ao modelo humanista imposto pelo Ocidente colonial como um subterfúgio biopolítico para continuar com a pilhagem dos países ex-coloniais. No entanto, neste trabalho faço referência a esses valores para desenvolver um argumento compreensível a uma comunidade intersubjetiva mais ampla, que talvez não esteja habituada às gramáticas decoloniais.

⁸ Alt-Right é um coletivo de jovens ultraconservadores estadunidenses que, utilizando o folclore digital, piadas machistas e o exibicionismo de atitudes racistas, produziram a base virtual para o triunfo de Donald Trump nas eleições de 2016.

Dossiê Cultura Visual e Violências

Nesse sentido, as imagens, entendidas em sentido amplo como um quadro da percepção, fornecem os elementos para produzir um consenso visual, uma espécie de consenso silencioso do olhar, ou como expressa Jean-Christophe Bailly: “O olhar olha, e esse é nele a via do pensamento, ou ao menos de um pensamento que não se pronuncia, não se enuncia, mas que acontece e se vê, que se mantém nesse lugar puramente estranho e estranhamente ilimitado que é a superfície do olho” (Bailly, 2014, p. 30).

Assim, apelo para que reflitamos sobre a capacidade do olhar de gerar consensos afetivos mesmo sem mediação discursiva. Por isso, a arte contemporânea é fundamental para pensar o modo como se reconfiguraram nossas formas de ver, já que, ao menos desde o início do século XX, tem reprogramado a percepção política do mundo, como afirma Hito Steyerl: “Talvez a história da arte do século XX possa ser entendida como um tutorial antecipatório para ajudar os humanos a decodificar imagens codificadas por máquinas, para máquinas” (Steyerl, 2018, p. 101).

Desde a minha perspectiva, a potência subversiva da arte é precisamente o que está em jogo desde o início do século XX com as vanguardas artísticas europeias, já que estas disputaram a forma de representação e deslocaram a tríade moral-estético-epistêmica grega que equiparava o bom ao belo e o belo ao justo. As vanguardas rompem com a perspectiva renascentista ocularcêntrica (que se impôs no século XV e fortaleceu simbolicamente o processo de colonização da América)⁹.

⁹ Recordemos que o Renascimento acompanhou o projeto de espólio colonial e o disfarçou de desenvolvimento científico ao transformar os aparatos de percepção, centrando o mundo da modernidade colonial no ocularcentrismo. Menciono o Renascimento para dar um exemplo de como a arte conecta não apenas mundos perceptivos, mas também agendas políticas e econômicas, que foram instituídas em formas de ver e padronizadas/naturalizadas.

Dossiê Cultura Visual e Violências

Retomo o desafio das vanguardas no sentido da produção de obras disruptivas que foram reapropriadas pelos sistemas conservadores. Por exemplo, o fascismo alemão apropriou-se das linguagens estéticas das vanguardas e de sua contraofensiva estética para instituir uma nova visualidade associada à cosmética e à protética, vinculada ao fascismo como marca, como desenho de uma subjetividade poderosa, atrativa e vinculada a um gosto e um design visual que Susan Sontag denominou “fascismo fascinante”.

Pois bem, importa-me falar dessa relação totalmente direta da arte com o regime *live* porque parto do pressuposto de que são as vanguardas e a arte contemporânea que nos permitem ler de maneira ágil todos os estímulos da cultura pop que circulam nas novas plataformas de comunicação e consumo virtual. A arte do século XX construiu capacidades e formas de ver e entender o mundo em nível metarrepresentativo, dada a invenção de linguagens, fórmulas e visualidades inovadoras, criando outras abstrações e consensos que de outra maneira não existiriam. A arte e suas rupturas constantes redesenharam nossa percepção.

Por isso, a arte é fundamental para a construção de uma memória sensível e crítica, que se viu atacada pela espectralização da realidade por meio do presente eterno do regime *live* e da destruição da memória revolucionária. Parto da ideia de que o design é um anestésico, isto é, que o design atraente das coisas influencia na percepção que temos delas. Inspiro-me em duas teóricas importantes deste século: Susan Buck-Morss e Beatriz Colomina.

Começo com Buck-Morss. Refletindo sobre a teoria estética de Walter Benjamin, ela afirma que a disseminação massiva de imagens de violência e morte após a Primeira Guerra Mundial resultou numa

Dossiê Cultura Visual e Violências

transformação da psique, que começou a inibir a produção de empatia por meio da eliminação da memória.

Explico-me: Buck-Morss, assim como Benjamin, parte da importância do trauma na teoria psicanalítica freudiana como possibilidade de gerar memória. Como se sabe, a experiência traumática gera uma memória corporal. Assim, um trabalho importante da psique é produzir vestígios/traumas para produzir memória e criar correlações de sentido que ajudem a reconhecer esses processos e gerar empatia.

Voltando ao argumento de Buck-Morss, podemos deduzir que a superprodução e circulação de imagens de violência no contemporâneo geram uma mudança importante na percepção e na recepção dessas imagens, porque o corpo receptor é submetido a um choque por estresse emocional que vai desativando a produção de trauma em relação a esses estímulos constantes, inibindo a criação de memória e lembrança, fundamentais para a produção de empatia.

Dessa forma, a exacerbação do processo de produção e percepção de imagens de violência realiza o trabalho de nos anestesiarmos em vez de nos estremecer, possibilitando a desativação de um consenso revolucionário intergeracional pela falta de memória e de correlações de sentido.

A segunda teórica que me inspira para pensar o mundo contemporâneo como uma ultracosmética e não apenas como uma estética é Beatriz Colomina, que investigou a produção das tecnologias domésticas como herança da Segunda Guerra Mundial. Ela nos diz que, após o conflito, o design, a arquitetura e a arte contemporânea caminham de mãos dadas e produzem os novos

Dossiê Cultura Visual e Violências

padrões do que se considera humano. Enfatiza sobretudo o design industrial que inunda os lares dos anos 50 do século XX para nos dizer que o design de espaços agradáveis e sem fricções está diretamente conectado à eliminação sensorial da ansiedade que poderia ser produzida pela lembrança dos horrores da guerra. Mas a construção de espaços lisos também apaga sensorialmente a possibilidade de identificação política com o dissenso ou a fricção. Colomina afirma textualmente: “As superfícies lisas do design moderno retiram a fricção, eliminando sensações corporais e psicológicas” (Colomina, 2016, p. 89). Depois dos anos 1950, o design transformou a estética em cosmética.

Nesse sentido, o regime *live* baseado na pura instantaneidade, no consumo e na satisfação imediata é a cristalização de um projeto político ultraconservador e extrativista que compreendeu que o redesenho da psique social é mais valioso e mais potente do que a repressão em si mesma e que está mostrando que o neoliberalismo é uma forma de economia e de gestão política herdeira do fascismo que não se oporá à destruição dos marcos das democracias.

Por isso, o design dos espaços, a publicidade e as imagens extraordinariamente chamativas e sedutoras nos níveis visual e sensorial que hoje se distribuem pela internet e suas plataformas causam arrebatamento (literal e não). Além disso, podem produzir um consenso visual jamais discutido que constrói um gosto apolítico que legitima e aceita a construção de um regime necroescópico que normaliza a violência e a torna fascinante (Valencia e Sepúlveda, 2016). É o caso da distribuição de imagens atrozess como as de migrantes afogados no Mediterrâneo ou de milhares de crianças enjauladas em centros de detenção na fronteira entre México e Estados Unidos, que evocam os

Dossiê Cultura Visual e Violências

campos de concentração nazistas. É justamente a isso que me refiro quando digo que o design atua como um anestésico e, em alguns casos, como um analgésico: isto é, elimina a dor ou a atenua.

Assim, com o apagamento da memória e a proliferação de um tempo sempre presente e fragmentado, o regime *live* faz com que as catástrofes mais graves resultem menos densas quando estamos rodeados, ao menos virtual ou psicopoliticamente, de objetos bonitos, sensações agradáveis ou espaços amigáveis. Como afirma Colomina, o fim último do design é: “Criar uma linha tênue de defesa estética na qual se refugiar quando o trauma não pode ser expresso.” (Colomina, 2016, p. 101).

Portanto, a vida de direita é muito consciente de que aquilo que não se nomeia não existe, pois para nomear algo é preciso criar uma comunidade de consenso intersubjetivo que implica uma discussão crítica, uma reflexão e um uso consensuado do significado e do contexto de uma determinada terminologia.

Por isso, como contraofensiva ao consenso léxico dialogado e crítico, ergue-se essa estética explícita que mostra tudo por meio da superprodução de imagens e estímulos audiovisuais, cujo conteúdo, ora divertido, ora cruento, depende dos ideais bio/necro/psicopolíticos que sustentam os discursos neoliberais e autoritários que popularizam o descrédito da política dissidente e exigem a banalização de tudo.

Para concluir, é importante matizar que o uso do folclore digital não é exclusivo das agendas conservadoras, mas se mistura de maneira imprevisível com culturas regionais e pode produzir também exercícios de denúncia social, como as contraofensivas feministas, queer, antirracistas,

Dossiê Cultura Visual e Violências

pró-migrantes e pela diversidade corporal que inundam as timelines das redes sociais virtuais. Esses movimentos entenderam que os cenários de luta não se encontram apenas no terreno material, como supunha a velha esquerda, mas que a construção de uma memória crítica e intergeracional depende também da ocupação dos espaços virtuais por meio da produção de imagens e conteúdos que conheçam as lógicas de produção estética desse novo governo das emoções e que sejam capazes de criar correlações de sentido com o uso subversivo do folclore digital.

Referências

Bailly, J.-C. (2014). *El animal como pensamiento*. Ediciones Metales Pesados.

Baudrillard, J. (1991). *La guerra del Golfo no ha tenido lugar*. Anagrama.

Berardi, F. (2017). *Fenomenología del fin: Sensibilidad y mutación conectiva*. Caja Negra.

Buck-Morss, S. (2018) [1992]. Estética y anestésica: Una revisión del ensayo de Walter Benjamin sobre la obra de arte. En L. Herrera & J. Ramos (Eds.), *Droga, cultura y farmacolonialidad: La alteración narcográfica* (pp. xx-xx). Universidad Central.

Colomina, B., & Wigley, M. (2017). *Are we human?*. Lars Müller Publishers.

Curiel, O. (2013). *La nación heterosexual: Análisis del discurso jurídico y el régimen heterosexual desde la antropología de la dominación*. Editorial Brecha Lésbica/En la Frontera.

Debord, G. (2000) [1967]. *La sociedad del espectáculo*. Pre-Textos.

Duportail, J. (2019). *El algoritmo del amor: Un viaje a las entrañas de Tinder*. Ediciones Contra.

Emmelhainz, I. (2016). *La tiranía del sentido común: La re-conversión neoliberal de México*. Paradiso Editores.

Foucault, M. (2007) [2004]. *El nacimiento de la biopolítica: Curso en el Collège de France (1978-1979)*. Fondo de Cultura Económica.

Fresneda, J. (2013). Notas de caza en Outernet: Las imágenes después de internet. *Re-Visiones*, 3. <http://www.re-visiones.net/index.php/RE-VISIONES/article/view/72>

Griziotti, G. (2017). *Neurocapitalismo: Mediaciones, tecnologías y líneas de fuga*. Melusina.

Han, B.-C. (2014). *Psicopolítica*. Herder.

Dossiê Cultura Visual e Violências

Jay, M. (2003). Regímenes escópicos de la modernidad. En *Campos de fuerza: Entre la historia intelectual y la crítica cultural* (pp. xx–xx). Paidós.

Mejías, U., & Couldry, N. (2019). Colonialismo de datos: Repensando la relación de los datos masivos con el sujeto contemporáneo. *Virtualis*, 18. <https://www.revistavirtualis.mx/index.php/virtualis/article/view/289/301>

Rowan, J. (2015). *Memes: Inteligencia idiota, política rara y folclore digital*. Capital Swing.

Sontag, S. (2007). Fascinante fascismo. En *Bajo el signo de Saturno*. Editorial Sudamericana, Sello DeBolsillo.

Schwarzböck, S. (2016). *Los espantos: Estética y post-dictadura*. Cuarenta Ríos.

Srnicek, N. (2018) [2016]. *Capitalismo de plataformas*. Caja Negra.

Steyerl, H. (2018). *Arte duty free: El arte en la era de la guerra civil planetaria*. Caja Negra.

Valencia, S., & Sepúlveda, K. (2016). Del fascinante fascismo a la fascinante violencia: Psico/bio/necro/política y mercado gore. *Mitologías hoy*, 14, 75–91. <https://revistes.uab.cat/mitologies/article/view/v14-valencia-sepulveda>